

1-2013

## Docilidade ao Espírito

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Tavares, A. (2013). Docilidade ao Espírito. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/22>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## 9 - Docilidade ao Espírito

*«Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, estando nós mortos pelos nossos delitos, deu-nos a vida juntamente com Cristo. – É pela graça que fostes salvos. E isto não é a vós que se deve; é dom de Deus» (Ef 2,4-5.8b).*

Na vida de fé, a iniciativa é, em tudo e sempre, de Deus. A sua graça – amor com que nos embala e acaricia – precede-nos em tudo. Se podemos amar – a Ele e aos irmãos – é porque «Deus nos amou primeiro» (1Jo 4,19).

Se na vida de fé a iniciativa é sempre de Deus, então só podemos estar diante dele com um coração de pobre (cf. Mt 5,3), sem pretensão alguma. A primeira atitude, da nossa parte, há-de ser de acolhimento, passividade, docilidade, abandono.

Que implicações podem tirar-se daqui para a vida prática? Se tudo é fruto da iniciativa amorosa de Deus:

Urge aprender, antes de mais, a receber-me a cada instante, com um coração agradecido, das mãos de Deus. Em última análise, é Ele que me dá vida e faz ser. Devo-me por inteiro a Ele. Aliás, em vão trabalho, se não é o Senhor que edifica a casa, como Ele mesmo diz pela boca do salmista: «Se não for o Senhor a edificar a casa, em vão trabalham os construtores» (Sl 127,1).

Importa aprender a olhar-me e a olhar a vida em perspectiva de dom: tudo o que sou – com todos os meus talentos – é dom de Deus, obra do seu amor. Não faz sentido envaidecer-me nem orgulhar-me; como não faz sentido envergonhar-me e sentir-me inferior. O dom que há em mim, por mais pequeno que seja, é dom para todos: é dom para ser partilhado. E o mesmo se diga do dom que há no outro. A minha riqueza é também a riqueza do outro; e a riqueza do outro é também a minha riqueza. Estou chamado à gratidão – «Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo» (Ef 1,3) – e à gratuidade: «Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10,8).

É preciso aprender a olhar e a viver a vocação como dom, como fruto do olhar de predilecção de Deus sobre mim, para vivê-la na alegria do amor, apoiado na fidelidade do amor do Senhor e não apenas nem principalmente nas minhas próprias forças: «Não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto» (Jo 15,16).

O contexto cultural do mundo ocidental faz-nos procurar a nossa auto-afirmação naquilo que fazemos, porque nos faz crer que o nosso valor se afere pelo que somos capazes de realizar. Sem nos darmos conta, transpomos esta perspectiva para a vivência da fé. Resulta

tado: Caímos na pretensão de atribuir a nós mesmos a nossa santificação – com muito voluntarismo e perfeccionismo à mistura; aliás, a Deus só lhe resta bater-nos palmas, como acontecia com o fariseu no Templo (cf. Lc 18,9-14). Pretendemos conquistar o céu com os nossos méritos, sendo incapazes de reconhecer a nossa radical necessidade de ser salvos por Jesus. Enfim, armamo-nos em salvadores dos outros, medindo os frutos da missão em função das nossas estratégias e talentos, em vez de reconhecer o protagonismo do Espírito. É por isso urgente aprendermos a viver a vida de fé na perspectiva da gratuidade do amor de Deus.

Cláudio Poullart des Places, na sua caminhada de fé, aprendeu a reconhecer que a salvação – sua e dos irmãos –, embora implique colaboração da parte do ser humano, é essencialmente obra divina:

«Só a Vós pertence, ó meu Deus, tocar o coração do homem. Que eu reconheça a eficácia do vosso amor, ao reconhecer o vosso poder. Quereis, meu Deus, que eu seja homem, mas que o seja segundo o vosso coração. Compreendo o que, numa palavra, me pedis, e quero dar-vos-lo, porque me ajudareis, dar-me-eis a força e me ungi-reis com a vossa virtude e a vossa Sabedoria.

«É tarefa vossa, meu Deus, combater por mim. Confio-me inteiramente a Vós, porque sei que tomais sempre o partido daqueles que em Vós confiam, e que nada temos a temer quando fazemos o que podemos e Vós nos amparais.

«Faço-vos, doravante, responsável da minha conduta, meu Deus. Declaro-vos que quero resistir às funestas seduções do pecado. Não o posso fazer sem a vossa ajuda, e nunca vo-lo pedirei bastante.

«A vossa graça, meu Deus, é inesgotável. Basta pedir de todo o coração e fazer o possível para merecer que derrameis sobre as nossas cabeças os óleos sagrados que nos conservam no bem.

«Ajudai-me, meu Deus, a servir-vos fielmente. Nada me será difícil se quiserdes socorrer-me e se me abandonar inteiramente a Vós. Devo desconfiar de mim mesmo e esperar tudo da vossa misericórdia».

A docilidade à acção do divino Espírito, o abandono confiante nas mãos de Deus, eis a atitude de quem sabe que só com a ajuda da graça pode vencer os dinamismos de pecado que o habitam e crescer, assim, em santidade de vida. A atitude há-de ser de passividade, mas de passividade activa, colaborando com a graça, deixando que o divino Espírito realize em nós o que, só por nós, jamais poderíamos conseguir: a nossa santificação e a santificação daqueles a quem o Senhor nos envia.